



A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS VERSUS APLICAÇÃO DENTRO DOS LIVROS DIDÁTICOS

Rozeli Conceição da Silva (UEM)
pg404351@uem.br

Resumo: A presente pesquisa visa investigar o ensino da variação linguística nas aulas do componente curricular de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Esta investigação é caracterizada pela abordagem qualitativa, os métodos técnicos empregados são de natureza documental e bibliográfica. O tema deste estudo também apresenta a abordagem da variação linguística no Ensino Fundamental Anos Iniciais, conforme o postulado na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), e a análise de como a variação linguística é proposta nos livros didáticos de Língua Portuguesa dos 3º aos 5º anos. A elaboração deste artigo teve como base teórica autores como Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Cyranka, Scafutto (2011) e Faraco, Ziles (2017). Essa pesquisa proporcionou uma compreensão do quão importante é trabalhar com a formação do indivíduo na escola, visando desmistificar o preconceito linguístico, aplicando uma pedagogia da variação linguística no dia a dia, ensinando aos alunos a conhecer, compreender, analisar e respeitar as diferentes formas de expressão do indivíduo em seus diversos contextos sociais.

Palavras-chaves: ensino; variação linguística; livro didático

Introdução

Diante de tantas mudanças no cenário educacional, em que o ensino formal deixa de ser privilégio da elite socioeconômica estabelecida como padrões mais elevados e condições superiores às da minoria, é perceptível que os ambientes escolares acolhem estudantes com uma variedade de estilos de escrita, bem como de variedades linguísticas.

Dessa forma, como abordar a compreensão do fenômeno da variação linguística com o objetivo de contribuir para o aprimoramento da competência comunicativa linguística do aluno e desmistificar o preconceito linguístico presente desde a sua formação inicial? Para responder, apresentaremos uma argumentação fundamentada sobre como a Sociolinguística Educacional pode contribuir para o aumento da competência comunicativa dos alunos que sofrem variações linguísticas em sala de aula.

Assim, discutir como a Educação Linguística pode auxiliar as práticas pedagógicas no ambiente escolar de forma que os alunos possam compreender e respeitar a língua que usam, rejeitando todo e qualquer tipo de preconceito linguístico. Além disso, apresentar a abordagem da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que orienta



a elaboração dos livros didáticos, e analisar algumas propostas sobre variação linguística nos livros didáticos de Língua Portuguesa do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, elaborados a partir desse documento.

Para a elaboração deste artigo, utilizou-se como base teórico autores discutidos na disciplina de Princípios da Sociolinguística (2004, 2005), Cyranka, Scafutto (2011), Faraco e Ziles (2017), entre outros. Esta investigação, de natureza qualitativa, tem como procedimentos técnicos a pesquisa documental e bibliográfica.

Nesta pesquisa, abordaremos alguns conceitos de norma, variação linguística e ensino. Além disso, serão apresentados os recortes da Base Nacional Comum Curricular (2018) e uma análise do livro didático de Língua Portuguesa da coleção Ápis, lançado entre 2019 e 2022 para o Ensino Fundamental Anos Iniciais, pela editora Ática (2017).

Destacando as considerações sobre a variação linguística proposta e escolhida pela pesquisadora, apresentaremos alguns exemplos de atividades para o professor do componente curricular em questão que envolva variação linguística, proporcionando ao aluno uma educação linguística e rejeitando o preconceito linguístico.

Variação linguística e ensino

Muitas vezes, nas escolas, a variação linguística é tratada como “erro”, “desvio da língua que precisa ser evitado”. Cyranka e Scafutto (2011) pontuam que “o erro linguístico simplesmente não existe”. Em relação ao “erro” que “não existe”, usado por pessoas desprestigiadas, pobres e com baixa escolaridade que não têm acesso a eventos sociais mais elevados, os falantes urbanos, mais preparados, usam a língua “correta”, Bortoni-Ricardo (2005, p.15) destaca que

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade, algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder da persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades.

Sendo assim, a escola deve enfatizar o uso consciente da língua, incentivando os alunos a compreenderem a diversidade linguística e a variação utilizada pelo falante em determinados contextos sociais. Com base na Sociolinguística Educacional, Cyranka (2016) e Bortoni-



Ricardo explicam que o conceito de "certo e errado" em linguagem é substituído por "adequado e inadequado", o que possibilita ao aluno aumentar sua capacidade de comunicação.

Para compreender melhor, Cyranka e Scafutto (2011, p.47) destacam que “a sociolinguística é uma ciência que estuda as relações entre língua e sociedade, oferece parâmetros eficazes para se traçar um quadro representativo dessas diferentes culturas expressas como também concretizadas pela linguagem”.

Apresentamos assim, o conceito de “língua padrão” destacado por Cyranka e Scafutto (2011), denominação comum dada a um conjunto de normas linguísticas baseadas no uso consagrado dos chamados bons escritores, privilegiando, portanto, a modalidade escrita. Utilizada por pessoas de prestígio social ao longo dos anos. É considerada como a língua “ideal”.

Para Faraco e Zilles (2017, p.19), “por norma culta designa-se tecnicamente o conjunto das características linguísticas do grupo de falantes que se consideram cultos (ou seja, a “norma normal” desse grupo social específico)”. Entende-se que, geralmente este grupo é urbano, apresenta um nível elevado de escolaridade e faz uso dos bens da cultura escrita.

Ainda, segundo Faraco e Zilles (2017, p.19), “norma-padrão, por sua vez, é a expressão que designa a norma normativa, isto é, o conjunto de preceitos estipulados no esforço homogeneizador do uso em determinados contextos”. Este é considerado um modelo específico utilizado para determinados fins dependendo do contexto.

Conforme Camacho (2011, p. 41), “um indivíduo pode optar por diferentes formas linguísticas conforme a variação das circunstâncias que cercam a interação verbal, como o contexto social, o assunto abordado, a identidade social do interlocutor, etc.”, ou seja, a linguagem é ajustada à interação entre os indivíduos, nas diferentes situações em que participam, por exemplo, um médico em seu consultório usa um discurso mais formal, científico, culto; se estiver na academia para treinar exercícios físicos, usará uma linguagem mais informal, menos monitorada. O mesmo ocorre se estiver num bar com os amigos.

Para compreender melhor a diversidade do português brasileiro e trabalhar com ele na escola, Bortoni-Ricardo (2004) propõe, três contínuos: o de urbanização, de oralidade e letramento e o de monitoramento estilístico.

O **contínuo de urbanização** apresenta, em um extremo, os falares rurais, mais isolados, menos prestigiados, utilizados pelas comunidades mais distantes da urbanização, e, no outro polo, as variedades urbanas, com mais acesso aos bens culturais e sociais, com maior influência

da língua padronizada, ou seja, falantes de uma variedade mais prestigiada (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).

No **contínuo de oralidade-letramento**, também é possível notar um equilíbrio entre os falares rurais e as variedades urbanas. Por exemplo, em um culto ecumênico, onde o orador ensina a mensagem ou o sermão. Isso é um evento de oralidade que, por consequência, pode despertar no participante a vontade de repassar o que aprendeu, tornando-se um evento de letramento (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62).

O **contínuo de monitoramento estilístico** constante é caracterizado por situações que podem ser espontâneas ou planejadas, como um discurso em uma palestra. Ele está relacionado ao "contexto social, ao ambiente, ao interlocutor e ao tema da conversa", ou seja, o estilo da conversa pode ser menos ou mais monitorado (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 54) "As variedades estilísticas resultam da adequação da expressão às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de reflexão sobre as formas que constituem a competência comunicativa do sujeito falante" (CAMACHO, 2011, p.42).

Cabe ao sistema escolar cuidar para que as formas da variedade-padrão sejam desde cedo ensinadas à criança, para que, quando adulta, ela incorpore em seu acervo o máximo possível de formas padrão, tornando-se, assim, capaz de adequar a expressão verbal às circunstâncias de interação. A pedagogia da língua materna deve valorizar o princípio de que todos os falantes são capazes de adaptar seu estilo de fala à diversidade das circunstâncias sociais da interação verbal, e de discernir que formas alternativas são as mais apropriadas (CAMACHO, 2011, p. 43).

Nessa perspectiva, é preciso que o professor, além de valorizar o perfil sociolinguístico do aluno, também elabore estratégias que possibilitem a sua participação efetiva em atividades relacionadas à realidade social do estudante, propiciando a ele autonomia linguística. Assim, Bagno (2002) pontua que:

O objetivo da escola, no que diz respeito à língua, é formar cidadãos capazes de se exprimir de modo adequado e competente, oralmente e por escrito, para que possam se inserir de pleno direito na sociedade e ajudar na construção e na transformação dessa sociedade – é oferecer a eles uma verdadeira educação linguística. (BAGNO, 2002, p. 80)

Observa-se que é necessário que a escola desconstrua os mitos e discursos excludentes sobre a língua, é preciso que haja uma educação linguística com vista ao reconhecimento da heterogeneidade da língua, e que acabe com a ideia de que a língua é uniforme e adote



estratégias pedagógicas que permitam ao aluno entender, analisar e compreender as variedades linguísticas.

Abordagem da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC “é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p.7), considerada como referencial para a organização, formulação e reformulação dos currículos escolares dos Estados, Municípios e Distrito Federal.

O documento utilizado como base obrigatória no Brasil (BNCC (2018), apresenta, no Ensino Fundamental, uma estrutura com cinco áreas do conhecimento, competências específicas de cada área, componentes curriculares e as competências específicas de cada componente, além das unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades (BRASIL, 2018, p. 24).

Compreende-se que a parte estrutural do documento pontuada neste artigo é a componente curricular de Língua Portuguesa, especificamente destinada aos anos iniciais do Ensino fundamental, mas não deixando de destacar a ênfase no texto da base sobre a pluralidade linguística, pois “é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico” (BRASIL, 2018, p. 70).

Observa-se que o documento destaca como “relevante” o estudo voltado à heterogeneidade da língua, isto é, “propiciar aos alunos um ambiente linguístico que lhes permita conviver com realizações linguísticas diferentes daquelas que eles já dominam” (CYRANKA E SCAFUTTO, 2011, p. 62), a fim de sanar incompreensões relacionadas ao preconceito linguístico.

Em relação à variação linguística, apresentaremos a componente de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental pontuando sobre as práticas de linguagem que estão divididas em eixos: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica. Portanto a temática variação linguística no documento aparece como habilidade nos eixos de oralidade, produção de texto e análise linguística semiótica.

Quadro 1- Eixo de Produção



Consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana	Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multissemiose e características da conectividade (uso de hipertextos e hiperlinks, dentre outros, presentes nos textos que circulam em contexto digital).
Construção da textualidade	Usar recursos linguísticos e multissemióticos de forma articulada e adequada, tendo em vista o contexto de produção do texto, a construção composicional e o estilo do gênero e os efeitos de sentido pretendidos.
Estratégias de produção	Desenvolver estratégias de planejamento, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, considerando-se sua adequação aos contextos em que foram produzidos, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semioses apropriadas a esse contexto, os enunciadores envolvidos, o gênero, o suporte, a esfera/ campo de circulação, adequação à norma-padrão etc.

Fonte: Brasil (2018, p. 77-78), grifo do texto)

Conforme o descrito na BNCC (2018, p. 76) “o eixo da produção de textos compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria tanto individual, como coletiva do texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos”. Observa-se que, no quadro 1, o objetivo destacado em cada campo reforça o que Bortoni-Ricardo (2004) descreve como: toda produção linguística é dependente do contexto em que se encontra o falante [...], assim, seria proporcionar ao aluno uma reflexão sobre o uso da língua em diferentes contextos sociais, com a finalidade de reconhecer quais os recursos estilísticos a usar em determinados tipos de eventos. Dessa forma, o estudante tem a oportunidade de desenvolver a capacidade de adequar os seus textos, sejam eles orais ou escritos, utilizando a variação linguística adequada ao contexto específico e à norma-padrão.

Neste sentido, Camacho (2011) discute que em relação às variedades, há classificações diferentes para cada contexto social: “variedades geográficas ou diatópicas” (pessoas que moram em diferentes lugares na zona rural ou zona urbana), “variedades socioculturais ou diastráticas” como o próprio nome já diz está relacionada a fatores sociais, econômicos, grau de escolaridade, acesso a bens culturais (classes ou grupos sociais). As variações de estilo ou diafásicas dizem respeito ao grau de formalidade da situação e à adequação do emissor à identidade social do receptor.

Por fim, a variação diacrônica é o sentido que a língua tem ao longo da história (CAMACHO, 2011, p. 40). Embora uns dos tópicos do eixo de produção descreva sobre a norma-padrão, o documento não faz nenhuma explicação sobre o conceito desta, só cita “norma padrão e outras variedades da língua”, nota-se que o professor necessita buscar por conhecimento no intuito de ensinar os alunos a reconhecer, analisar, diferenciar desde de seus primeiros anos escolares o que são variedades linguísticas, eliminando toda e qualquer forma de preconceito linguístico.

Quadro 2 – Eixo da Oralidade

<p>Consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos orais que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana</p>	<p>Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multissemiótica.</p>
<p>Relação entre fala e escrita</p>	<p>Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão.</p>



	Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto.
--	--

Fonte: Brasil (2018, p. 79-80), grifo do texto)

Este eixo da oralidade descrito pela BNCC (2018), “compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, web conferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista e etc” (BRASIL, 2018, p.78). Nota-se que no primeiro tópico a variação linguística é abordada no contexto de produção de textos orais com o objetivo de levar o aluno a refletir e conhecer os diversos contextos sociais da oralidade, proporcionando que o estudante perceba as diferenças formais e estilísticas do discurso. O segundo, leva o aluno, a distinguir as semelhanças e diferenças entre a fala e a escrita em diversos tipos de gêneros textuais que circulam na produção oral.

Quadro 3 – Eixo de Análise Linguística/Semiótica

Variação linguística	<p>Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.</p> <p>Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica.</p>
----------------------	--

Fonte: Brasil (2018, p.83)

O eixo da análise linguística/semiótica envolve os procedimentos e estratégias (meta) cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos, das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se relaciona aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido (BRASIL, 2018, p.80).

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado



a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2018, p. 81) grifo nosso.

Observa-se que, no eixo de análise linguística/semiótica na BNCC (2018), o documento destaca que o aluno deve “refletir acerca da variação e da mudança linguística”, inerente a qualquer sistema linguístico, o que se relaciona com o pensamento destacado por Cyranka e Scafutto (2011, p.62)

O estudo sobre a língua, deve-se sobrepor o trabalho de reflexão sobre os usos que os diferentes falantes fazem dela, partindo-se, necessariamente, do princípio fundamental da sociolinguística: a heterogeneidade é inerente a toda língua. A variação e a mudança são, portanto, manifestações do fenômeno da linguagem, patrimônio de todos os indivíduos, manifestação da natureza humana. Por isso mesmo não lhes pode ser caçada, roubada, desconsiderada, desprestigiada (CYRANKA; SCAFUTTO, 2011, p.62).

Analisando, a citação da BNCC (2018) “[...] as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas” [...] (CAMACHO, 2011, p.42). Deve-se ter em mente que o indivíduo deve desenvolver a sua competência linguística para se comunicar por meio de diferentes formas da variedade padrão, de prestígio ou de variedade não-padrão, que podem ser estigmatizadas conforme o contexto de interação, especialmente no ambiente escolar. Camacho (2011) acrescenta que a distribuição de valores sociais se torna institucionalizada quando uma variedade de prestígio é elevada à condição de língua padrão, o que, conseqüentemente, é transmitido no sistema escolar, nos meios de comunicação, na linguagem oficial do Estado, etc (CAMACHO, 2011, p. 42).

Ao observar o quadro do eixo de análise linguística/semiótica, verifica-se que além de enfatizar o trabalho com a variação linguística, variedade de prestígio e desprestigiada, nota-se a abordagem de assuntos que devem ser tratados nas aulas da componente curricular de Língua Portuguesa relacionados a conhecimentos gramaticais, morfológicos, sintáticos, semânticos, não esquecendo a ortografia e e pontuação como em: “Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos” (BRASIL, 2018, p.83).

Observaremos agora o quadro de conteúdo na componente curricular de Língua Portuguesa enfatizando o objeto de conhecimento “variação linguística” desenvolvida no 3º ano, 4º ano e 5º ano do Ensino Fundamental anos Iniciais:

Quadro 4 – Componente Curricular – Língua Portuguesa



Práticas de linguagem	Objetos de conhecimento	Habilidades
		3º, 4º e 5º ano
Todos os campos de atuação		
Oralidade	Variação Linguística	(EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos.

Fonte: Brasil (2018, p.113)

Compreende-se que a habilidade relacionada à variação linguística pontuada no quadro acima contempla os alunos do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental, anos iniciais, etapa em que as crianças estão consolidando o processo de alfabetização, já conseguem entender com mais facilidade as propostas apresentadas pelos professores e participam com mais facilidade de atividades envolvendo oralidade e escrita. A habilidade descrita na citação acima explica o uso de uma variação diatópica, uma vez que se refere à variedade geográfica no qual as pessoas que moram em lugares diferentes tendem a falar de forma diferente. (CAMACHO, 2011, p. 40).

Análise

A variação linguística é pouco discutida nas escolas, apesar de haver diversos pesquisadores e estudos a respeito. No ambiente escolar, ainda há resistência para abordar o tema e levá-lo para a sala de aula, apesar de constar nos documentos oficiais de orientação, bem como nos livros didáticos, material que auxilia no planejamento e organização do conteúdo a ser ministrado em sala de aula. Dessa forma, analisaremos os livros didáticos para o Ensino Fundamental Anos iniciais, da Coleção Ápis de Língua Portuguesa do 3º ao 5º ano, da autora Ana Trinconi, disponibilizado pelo PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) de 2017 para uso nas escolas nos anos de 2019 a 2022, da editora Ática. A seleção do material



para análise se deu por eu ser professora de uma escola municipal que utiliza este livro didático com as crianças.

Sendo assim, observou-se que o livro didático do 3º ano, é composto por 11 unidades e 288 páginas, já o livro do 4º ano apresenta 8 unidades distribuídas em 288 páginas e o livro didático do 5º ano com 8 unidades subdivididas em 304 páginas. A coleção se concentra no desenvolvimento de atividades em torno de textos reais e gêneros do discurso variados, os quais são fundamentados em estudos e sistematização dos aspectos de apropriação do sistema de escrita, bem como na reflexão sobre os usos da linguagem, tanto oral quanto escrito. Segundo Marcuschi (2007, p.16), “uma vez adotada a posição de que lidamos com as práticas de letramentos e oralidade, será fundamental considerar que as línguas se fundam em usos e não contrário”.

Cada unidade estuda o tema “Práticas de oralidade e de escuta”, crucial para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, pois os auxilia a expressar-se oralmente, interagir em um mundo com diferentes formas de comunicação, não somente reconhecendo os gêneros orais, mas também reconhecendo as diferenças entre aspectos da língua falada e da língua escrita.

A seguir analisaremos um recorte do livro do 3º ano do Ensino Fundamental Anos iniciais da componente curricular de Língua Portuguesa da coleção Ápis (2017), referente à unidade 5 - Carta Pessoal, páginas 102 e 103.

Figura 1 – Proposta de Atividade para o 3º ano – Ensino Fundamental





Bilhete 3

*Lu,
Cadê meu cinto roxo?
Java em cima da
mesinha e sumiu. Quero usar
meu cinto hoje hoje, tá
ligada?
Pru*

Bilhete 4

*Senhor Graciliano Coutinho,
Encontrei esta carteira na frente
de sua casa - acho que lhe pertence.
Não o conheço mas o reconheci
pela fotografia, pois moro na rua
Vitorino César e já vi o senhor por
aqui.
Amigavelmente,
Murilo Setiborano*

a) Em quais dos bilhetes a linguagem é mais formal, mais cerimoniosa? Quais palavras indicam formalidade?

b) Em quais dos bilhetes a linguagem indica mais familiaridade entre remetentes e destinatários? Por quê?

A expressão **tá ligada** é uma **gíria** muito usada entre alguns jovens.

Gírias são palavras ou expressões usadas por alguns grupos em situações informais. Algumas são mais populares, sobretudo entre os adolescentes, e você provavelmente conhece e talvez até use várias delas. Por exemplo: "da hora", "tipo assim", "causar", "tô ligado", "legal", "mó", etc.

Há momentos em que algumas gírias são adequadas, pois a situação é mais espontânea, mais informal, como no bilhete 3.

Mas há situações em que algumas gírias não são adequadas, pois é necessária uma linguagem mais formal, mais cerimoniosa, como é o caso no bilhete 4.

➔ CARTA PESSOAL 103

Fonte: Ápis (2017, 102 - 103)

Observa-se que a proposta da atividade do livro didático aborda o gênero textual - Bilhete o qual é utilizado no dia a dia, escrito de uma maneira mais informal dependendo do teor da conversa e do contexto. A tarefa requer que o professor analise as palavras usadas no dia a dia das crianças, uma vez que cada uma tem suas variações conforme o meio social em que vivem. Nota-se que a atividade trata de linguagem formal e informal com o uso de gírias (representada pela expressão "tá ligada"), as quais são muito utilizadas em algumas regiões, dependendo da época, do lugar e do grupo social, descrita nos bilhetes 1 e 3. Nos bilhetes 2 e 4 é possível observar o emprego de uma linguagem mais formal, conforme o teor da mensagem e a interação do interlocutor com o receptor.

Figura 2- Proposta de atividade para o 4º ano – Ensino Fundamental



3 **EM DUPLA.** Vocês vão fazer uma apresentação sobre as variedades linguísticas, isto é, sobre as diversas formas de falar. Sigam o passo a passo.

- Pesquisem palavras, expressões ou formas de falar que sejam bem características de sua região: gírias, formas de pronunciar as palavras, diferentes nomes para a mesma coisa.
- Conversem com pessoas do local onde moram. Perguntem se elas permitem a gravação da fala delas e a exibição, na aula, do modo como se expressam.
- Registrem o que chamar a atenção de vocês e, no dia combinado com a professora, apresentem o resultado da pesquisa.
- Na apresentação dos colegas verifiquem se eles encontraram palavras ou expressões iguais às que vocês levantaram e se o sentido é o mesmo.
- Terminadas as exposições, conversem sobre as variedades linguísticas apresentadas.

Importante: É preciso respeitar as diversas formas de expressão das pessoas. Cada um tem um jeito próprio de se exprimir. Essa é uma das maiores riquezas da língua: **a diversidade de formas de se expressar.**

64 UNIDADE 2 ➤

Fonte: Ápis (2017, p. 64)

Nesta proposta, observa-se que a atividade tem como objetivo o desenvolvimento das habilidades de expor uma pesquisa escolar; de identificar fatores determinantes de registro linguístico (Brasil, 2018, p.113). Para Cyranka (2011) a prática da observação, entrevista, escuta e análise ajuda o aluno a perceber a língua como algo vivo, em constante mudança e cada pessoa como participante desse movimento.

Figura 3 – Proposta de atividade para o 5º ano – Ensino Fundamental

Prática de oralidade

Conversa em jogo

A comunicação no dia a dia

EM DUPLA. Para melhor perceber como acontece o diálogo no dia a dia, vocês vão fazer a gravação de uma conversa entre duas ou mais pessoas.

- Proponham a uma dupla ou a um conjunto de pessoas que conversem sobre um assunto cotidiano: aumento de preço de um produto, fila no banco, falta de emprego, qualidade de algum programa de TV, etc.
- Peçam permissão para gravar. Registrem a conversa com gravador ou celular.
- Ouçam a gravação e observem as marcas que são próprias da fala: hesitações, repetições, omissão de palavras, etc.
- Anotem palavras, expressões e outros elementos observados que estão presentes na fala, mas que não aparecem com frequência na escrita.
- Apresentem para os colegas o resultado do trabalho de vocês e assistam à apresentação deles.

➤ CRÔNICA **51**

Fonte: Ápis (2017, p. 51)

Observa-se que esta atividade tem por objetivo analisar a fala de duas pessoas durante uma conversa, com a finalidade de identificar fatores determinantes de registro linguístico mais



informal, considerando o contexto, o ambiente, o tema, o estado emocional de cada falante e o grau de intimidade entre eles. Também é necessário um esclarecimento aos alunos sobre “a importância de respeitar a variação linguística como característica de uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes camadas sociais, rejeitando preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2018, p.113).

Para Cyranka (2011), ao professor cabe a tarefa de propor atividades de reflexão linguística nos seus diversos usos na oralidade, no reconhecimento de sua estrutura, nos recursos linguísticos-discursivos até a concretização no texto.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo compreender o que está pautado no documento Base Nacional Comum Curricular em relação à proposta de ensino da variação linguística no componente curricular de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental Anos Iniciais e análise das atividades propostas em livros didáticos para a etapa de ensino em estudo, verificando se contribuem para um trabalho na escola com base em uma Educação Linguística. A BNCC (2018) aborda a variação linguística como um tema de ensino no Ensino Fundamental, podendo ser trabalhado transversalmente nos eixos de produção de texto, oralidade e análise linguística/semiótica. No Ensino Fundamental Anos Iniciais, para os alunos do 3º ao 5º ano, o foco é o ensino voltado às práticas de linguagem — oralidade e a habilidade nesta fase, incluindo a variação diatópica, a diferença entre línguas formal e informal, o respeito e a rejeição ao preconceito linguístico. No entanto, o documento destaca um trabalho transversal que pode ser desenvolvido em outros eixos e habilidades.

Neste sentido é preciso que a escola tenha uma visão clara sobre educação linguística, assim como o professor que deverá colocar em prática este conhecimento em sala de aula. Vale ressaltar que esta é uma questão que ainda precisa ser discutida nos eventos de planejamento do ensino do Português do Brasil.

Ao analisar os livros didáticos da coleção Ápis (2017), observou-se que, por ser um material de apoio pedagógico para o professor dos anos iniciais, no 3º ano, faz-se uma introdução interessante ao assunto exemplificando, com gêneros do cotidiano da criança, linguagem formal e informal.

No material didático para o 4º ano nota-se um trabalho de pesquisa em grupo, entrevista atribuindo ao aluno uma autonomia desenvolvendo neste a competência linguística por meio



da análise da variação diatópica, variação estilística, variedades prestigiadas e estigmatizadas envolvendo questões identitárias.

No livro do quinto ano, analisou-se uma atividade de prática de oralidade que tem como foco uma variedade linguística do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, gramaticais, semânticos, entre outros. No entanto, como é um livro do último ano da primeira fase do Ensino Fundamental, no qual os alunos já têm a oportunidade de participar ativamente das aulas, a abordagem do ensino da variação linguística não é tão relevante.

Dessa forma, a variação linguística é uma variação social, uma vez que a língua é heterogênea, variável e o indivíduo usa as variedades estilísticas para interagir conforme o contexto social. Portanto, a escola precisa trabalhar com esta questão de que não existe “certo e errado”. De acordo com Cyranka (2011), o professor deve propor mais atividades de reflexão sobre os diversos usos e realizações nos diferentes gêneros textuais, seja no reconhecimento de sua estrutura, seja no domínio dos diversos recursos linguístico-discursivos que devem ser aplicados na materialidade do texto. Aumentar as competências do aluno é uma questão crucial no trabalho escolar com a língua materna.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso 28 dez. 2022.

BAGNO, Marcos. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO; GAGNÉ; STUBBS. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BAGNO, Marcos. Por que “norma”? Porque “cultura”? In: BAGNO, M. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 38-70.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 50. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BORTONI-RICARDO, S.M. O português brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, S.M. **Educação em língua materna: Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004 (p.51-70)

CAMACHO, Roberto Gomes. Norma culta e variedades linguísticas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v.11. <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40354>. Acesso em 10 dez. 2022.



CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CYRANKA, L.F.M. e SCAFUTTO, M. L. Educação Linguística: Para além da “Língua Padrão”. **Revista Educação em foco**, Juiz de Fora, V.16, n.1, p.41-64.2011.

CYRANKA, L. Sociolinguística aplicada à educação. In: MOLLICA, M. C.; JUNIOR, C. F. (org.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 167-176.

FARACO, C. Por uma pedagogia da variação linguística. In: FARACO, C. **Norma culta brasileira**: desatando-nos. São Paulo: Parábola, 2008 (p.163-182).

FARACO, C. A. e ZILLES, A. M. Norma: tecendo conceitos. In: FARACO, C.A. e ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017. (p. 11-73).

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda S., Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In.: **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, Mar./Abr. 1995, p. 57-63. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita**: atividades de retextualização. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TRICONI, Ana. **Ápis Língua Portuguesa 3º, 4º e 5º ano**: ensino fundamental, anos iniciais. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2017.